

Congresso viu luta contra êxodo

Reunindo cientistas, padres, militares, sindicalistas e parlamentares, um movimento liderado pelo então deputado Edison Lobão mobilizou o Congresso Nacional, em 1978, em torno de um diagnóstico que conduziu à salvação do Nordeste. Os resultados do trabalho foram consolidados num documento com 28 sugestões — “idéias factíveis para sustar o êxodo rural da região”, de acordo com o atual governador do Maranhão.

Passados 15 anos, Edison Lobão tem muita mágoa. “Levamos o documento ao então presidente Figueiredo que, das 28, aprovou 22 sugestões — mas até hoje nada foi feito de objetivo, e a coisa continua”. O governador tem uma explicação para o descaso: “Existe uma resistência histórica por parte do Centro-Sul, onde são tomadas as decisões políticas e econômicas. As elites, ainda hoje, acham que dinheiro gasto no Nordeste não é investimento e, sim, uma despesa sem retorno. E é preciso que se pare de pensar que o Nordeste é prejuízo certo”. Para reverter o preconceito, ao menos com o Maranhão, Lobão alinhavou alguns números do estado: “temos hoje o maior porto marítimo brasileiro, assim como a maior

ferrovia e as melhores terras para a cana-de-açúcar e para a soja”. Seriam 40 dólares de lucro, por tonelada de soja.

Ainda assim, Lobão reconhece a grande contradição maranhense: “de um lado, a fronteira agrícola estupenda, e do outro, a pobreza infinita do povo”. Os números da miséria são assustadores: “Mais da metade da população é de analfabetos, e 60 por cento de nossos doentes o são em função da má qualidade da água consumida no estado”. E a principal estrada de rodagem maranhense, a BR-26, foi pensada por Getúlio Vargas, iniciada por Juscelino Kubitschek de Oliveira, “e até hoje nem dois terços dela estão construídos”. Isso, quando há cerca de 27 anos, todo o Maranhão só tinha asfaltado o trecho em torno do aeroporto.

Nessas condições, Lobão conduz o Maranhão. Apesar de ter quase três leitos para cada grupo de mil pessoas (quando a Organização Mundial de Saúde recomenda o mínimo de um leito por mil), as filas se multiplicam em frente aos hospitais. “O maranhense adoece mais vezes que em outros estados”, constata o governador.